TL5966-1

CNRM - FALINTIL

Ex.mo Senhor
Presidente do Grupo de
Macau Rai Timor
Pe Francisco Maria Fernandes

Saúdo com imensa alegria a disposição política do GMRT, expressa na sua Declaração Politica de 21 de Fevereiro último.

O que tem vindo a dividir a comunidade timorense reside, infelizmente, na percepção estratégica sobre a luta. Nunca estariamos/remos capazes de pôr fim aos sofrimentos do nosso Povo, se não partissemos/tirmos por adquirir um pensamento comum que conduza os nossos actos numa verdadeira coordenação de esforços e capacidades.

O que tem vindo a manchar a imagem da Resistência são as declarações contraditórias e paradoxais que, às vezes, aparecem na boca de vários dirigentes para definir a falta de coesão intelectual, para definir o esbanjamento de ideias que se acumularam não como um resultado de análises da luta mas como uma necessidade politica de diferenciação de ideias.

O conceito de Unidade Nacional limitava-se a todos pensarmos que todos existimos para cobrar vantagens do nosso direito à independência. Em termos de politica prática, partidos e grupos actuavam como 'oposição' a uma corrente de ideias e a um esforço de acções. Em politica prática e em tempo de guerra e sofrimento do nosso Povo (que nunca se deixou influenciar pela situação politica, provocada por todos quantos temos o dever de conduzi-lo à vitória), deveriamos todos sem excepção sobrepôr os supremos interesses da Patria aos interesses partidários.

O que custa perceber é não termos ainda oportunidade de, depois de 21 anos, estudar a natureza e o carácter das relações que a luta insere num processo amplo e complexo e compreender o papel de todos em conjunto.

A impressão que ficava no ar era que cada partido e cada grupo esgrimia a sua espada de 'percepções específicas' para a busca de confrontações de ideias, como que a materializar algo importante de democracia politica.

A percepção estratégica sobre a luta tinha como base essa necessidade de confrontação. E era tão errado! O ideal seria que qualquer percepção estratégica partisse da análise sobre a própria luta, o que concederá as ideias básicas/ objectivas para se fazer a luta e para a fazer avançar.

Pelo bem do nosso Povo! Para a libertação da nossa Pátria!

Como intelectuais timorenses e dirigentes de partidos e grupos, ainda não aprendemos do nosso Povo sobre o conceito 'sacrifício'.

Os timorenses (deve haver excepções) no exterior, estão como que mais preparados para denunciar violações dos Direitos Humanos, sem perceber

realmente que mais um morreu, mais um se sacrificou expondo a vida e negando-se ao bem-estar, para que outros continuem vivendo e lutando.

Os timorenses (deve haver excepções) no exterior, estão mais preparados para fazer discursos sobre a valentia, a coragem e a determinação do nosso Povo, sem perceber que esse preço exige que todos quantos temos o dever sagrado de o representar, nos esqueçamos de nós mesmos, das nossas relações mais ou menos extensas, mais ou menos intelectuais e nos portemos como combatentes da Pátria, aptos a sacrifícios, aptos a sacrificar pequenos interesses, porque representamos uma luta de todos, uma resistência nacional, um Povo, uma Pátria!

O nosso Povo pede humildade de cada um de nós, pede sinceridade nos actos de cada um de nós, pede entrega de cada um de nós, pede que demos à Pátria tudo o que possuimos, as nossas capacidades, intelectuais e materiais, reais e potenciais, edificando-nos para sermos capazes de edificar a nossa Nação.

Talvez eu deva dizer que penso que o nosso Povo avançou 21 anos, em termos politicos, quando muitos de nós ficamos ainda com as reminiscências saudosistas dos anos 74 e 75. Digo saudosistas, porque nos vemos implantados ali num cenário estàticamente vivo, um cenário onde, cada um, desempenhou um papel mais ou menos relevante e é este quadro politico que muitos de nós pretendem ainda fixar nas paredes da sala do seu dia-a-dia!

Coloquemo-nos à testa do nosso Povo e nunca rebocados pelo processo. Desempenhariamos mal o papel de dirigir! E o nosso Povo toma-nos como os seus intelectuais, os filhos que estão preparados não só para o salvar da escravidão colonialista como sobretudo para construir o País.

Eu saúdo, mais uma vez, o GMRT que, em boa hora, "pretende ser 'germen' de um movimento amplo de reflexão, de projectos e de ideias".

E importantíssimo que um movimento deste cariz se desenvolva e unifique 'todas as sensibilidades politicas e sociais e culturais' em torno da missão de construir o esboço intelectual, politico e cultural da Nação, suplantando assim o hiato que se produziu, durante duas décadas, vividas por todos sem a visão futurista da Nação, sem a preocupação de erguer a super-estrutura da Pátria. Viviamos todos clamando independência, viviamos todos ensimesmados no poder politico fraccionário e fraccionista e não tivemos nem coragem nem humildade para reconhecermos que cada um é apenas uma peça de uma extraordinária máquina de pensar, com a responsabilidade de agir agora e com a capacidade de definir o melhor futuro para Timor-Leste.

1. Eu louvo a iniciativa do GMRT de levantar ideias e propôr o estudo de questões importantissimas para a Resistência.

a) O Plano de Paz do CNRM foi e continua a ser, para alguns, matéria de controvérsia. É com regozijo que tomo reconhecimento do apoio ao Plano de Paz do CNRM, feito GMRT, já que esse plano teve sempre o carácter de instrumento de trabalho na busca de uma solução credível, tendo em con-

ta a complexidade do nosso caso e a natureza politica, cultural e militar do regime de Jacarta.

b) O referendum é o objectivo politico do Plano de Paz e não pode haver solução sem se ouvir a vontade do nosso Povo.

Quanto a 'eleições gerais', eu quero lembrar que se deverá atender a especificidade da consciência política do nosso Povo, se deve observar com correcção o grau de compreensão que o nosso Povo detém sobre partidos e programas de Partidos.

Gostaria de propôr que se veja o melhor mecanismo que assegure um Governo de Unidade Nacional, pelo tempo que fôr necessário, a fim de que as alterações do ambiente político, ao invés de trazerem uma atmosfera democrática, não venham a provocar confusões no nosso Povo para oportunismos que levarão o país de uma crise para outra. Em questões politicas, devemos procurar agir pela correcta compreensão da nossa sociedade, do grau cultural do nosso povo e da inexperiência dos próprios partidos de dirigir e governar.

Uma Assembleia Nacional, em termos de um sistema multipartidarista, não deve ser, inicialmente, um objectivo principal, só pela preocupação de apresentar ao mundo órgãos de soberania constituidos.

Assim, quando se diz "referendo seguido de eleições livres" poderá nao se estar a fazer corresponder o louvável desejo democrático à realidade da sociedade timorense.

Os partidos têm que partir da intenção de servir o nosso Povo e não servir a eles mesmos servindo-se do nosso Povo.

Uma Assembleia Nacional Provisoria ou um Conselho Nacional de Reconstrução do País, seria um alargamento do Governo da Unidade Nacional, Conselho para onde seriam chamados os timorenses mais capazes, indiscriminadamente de filiações políticas.

É minha ideia evitarmos a transposição imediata de modelos de poder na nossa sociedade ainda não adoptada às leis do jogo democratico dos sistemas multi-partidaristas.

Eu penso que levaremos uns bons pares de anos para que umas eleições livres sejam feitas, sabendo o nosso Povo exactamente o que deve escolher. Para isso, durante esses bons pares de anos todos estaremos a educar-nos e a educar o nosso Povo para que se realize como Povo soberano e independente.

2. Apoio o projecto de se organizar um Congresso de toda a Comunidade Timorense. Do interior da Pátria, as representações serão sob as formas mais convenientes, a serem estudadas desde já.

a) Realisticamente e para que não se criem entraves a priori na disposição de todos de participar, eu sugeria que a questão de liderança não deveria ser um objectivo de recomendação mas um ponto incluido para debate no Congresso. Sinceramente, eu próprio sinto que não estou a altura para responder a futuras e mais complexas situações da luta e às necessidades da Pátria e peço para considerarem isto com a devida perspicácia

politica.

b) Concordo com a ideia de que o Congresso se realize em Lisboa, no próximo mês de Dezembro, para se comemorar o 1o aniversário do Prémio Nobel da Paz.

c) O Congresso só produzirá os resultados esperados pelo nosso Povo, se a sua preparação for intensiva e professionalizadamente trabalhada. A seriedade na aprofundização dos assuntos, a transparência no debate generalizado por grupos ou núcleos a partir dos diversos ajuntamentos da comunidade para a realização de congressos preliminares regionais, deverão ser o método da nossa acção.

3. Eu advogo a feitura de um 'team' de 'experts' constituido por intelectuais timorenses, formado sob a necessidade de ordenar os assuntos, coordenar os debates e consultar todas as forças politicas timorenses.

A inclusão de membros indicados pelos partidos politicos aparece como conveniente, já que ainda não estamos preparados para conceber os interesses nacionais acima dos interesses de grupos ou privados.

Proponho que o GMRT tome a responsabilidade de formar esse grupo de experts, por consulta a todas as partes interessadas.

a) O GMRT deve já avancar na formulação das questões pontuais para o Congresso.

Para além da Constituição do Conselho Nacional e do Governo Sombra, o estudo e elaboração de uma Constituição merece também a devida atenção.

b) Para que o Congresso venha a ser a resposta, se não digo a todos os problemas vividos entre os timorenses no exterior, eu sugeria que para os Congressos regionais, se debatessem tanto quanto possivel tudo o que tem vindo a constituir as mazelas da nossa sociedade.

Só partindo por adoptar disposições politicas mais fraternas, eliminaremos competicionismos negativos e comportamentos que nos colocam adversários ou oponentes uns dos outros.

c) Os congressos regionais deverão ser oportunidade histórica de verdadeira reflexão politica, deverão ser momento para se erradicar sentimentos contrários aos interesses do nosso simples e honesto Povo. Os Congressos regionais devem ser capazes de educar a todos os timorenses, indiscriminadamente, no amor, na amizade, na mútua compreensão, na abertura de espiritos e no apoio mútuo.

Os Congressos regionais não devem ser arena de duelos e acusações e contra-acusações. Mas também não deve ser o palco de cinismos e ironias, no objectivo de cada um reforçar as suas posições e no escândalo politico de 'superar' o clima, dando uma imagem falsa de unidade entre os timorenses.

Este, segundo creio, deve ser o objectivo a alcançar dos congressos regionais. Este é o trabalho de base, sem o qual o Congresso Nacional só terá efeitos teóricos propagandisticos nunca capaz de esconder as desavenças entre os timorenses.

d) Dos debates nos diversos congressos regionais, se preparará o Congresso de Lisboa.

4. Como 'movimento amplo de reflexão', o GMRT poderia recrutar a participação de todos os intelectuais timorenses para, em respectivas áreas, contribuirem na feitura do boletim 'Rai Timor', saindo da monotonia da informática geral.

Um boletim ou uma revista que debruce análises politicas da sociedade timorense, que questione problemas vitais da Resistência e da Nação , que perspective a futurização económica do país, que projecte as linhas mestras da politica a seguir no campo da saúde, no campo da cultura, no campo social, no campo da educação, etc, etc.

Uma fonte para a expressão dos nossos sonhos, dos nossos desejos e uma motivação para o debate de assuntos que até hoje ainda não nos preocupam. A maioria dos timorenses tem vindo a comportar-se no contexto temporal actual da luta, sob um estado de espirito de 'enquanto os indonésios não sairem, vamos lutando pela independência'.

Em pensamento, ficamos parados, inertes, passivos e incapazes de nos educarmos a olhar para o futuro, incapazes de abrirmos os olhos para ter sonhos lindos também, que podem ser realizáveis.

Continuando nesta morbidez do espírito, poderemos vir a ser sacudidos pela surpresa dos factos e prevejo uma enorme confusão politica, pela impreparação de todos de controlar a si mesmos e consequentemente o todo da situação, inaptos de pensar com sagacidade e calma, que se exigem em momentos cruciais.

Partamos agora por pensar que não será com uma acumulação de ministros, nem com uma acumulação de intelectuais nos Orgãos de Soberania que resolveremos fàcilmente os problemas do país, nas primeiras fases de transição.

Serão necessários espirito de responsabilidade, seriedade, hónestidade e devoção à causa. Para isto, temos que nos educar desde já, porque o tempo avança e sempre nos colocámos atrasados em relação ao processo.

5. 'Construir uma solução imediata para os problemas politico-culturais e socio-economicas actuais ... criando e desenvolvendo infra-estruturas necessárias para uma Nação independente' é interessantissimo! Mas demasiado vago! Espero que este seja o verdadeiro lema para o 'amplo movimento de reflexão, de projectos e ideias' a que o GMRT se propõe. Espero uma abordagem mais objectiva com referências mais concretas e práticas.

Viva Timor-Leste!
Viva o Povo Maubere!
A Luta continua!

Cipinang, 21 Março 1997

Pel' O CNRM,

Kay Rala Xanana Gusmão
CMDT das FALINTIL